

A **DEMOCRATIZAÇÃO** do debate sobre mudanças climáticas, a criação de um tribunal ecológico e o pagamento de dívidas ecológicas dos países ricos aos mais pobres, são algumas das propostas sugeridas para o Fórum Social que se realizará em Copenhaga. Para a próxima reunião das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas marcada para Dezembro em 2009, na Dinamarca, participantes do Fórum Social Mundial, a decorrer em Belém, no Brasil, defenderam ontem a necessidade de levar em conta as diversas crises no contexto das mudanças climáticas.

**FÓRUM SOCIAL** Para o sociólogo de Coimbra, esta é a melhor resposta às crises

# Boaventura Sousa Santos defende “a reinvenção do Estado”

O Fórum Social Mundial antecipou-se às crises que o mundo enfrenta na actualidade no âmbito da economia, da energia, dos alimentos e do meio ambiente, disse o sociólogo Boaventura Sousa Santos que defende “a reinvenção do Estado”.

“O Fórum Social foi uma resposta ao Fórum Económico Mundial não só para produzir um diagnóstico alternativo porque nos antecipamos às crises que hoje temos no mundo, mas também para propor uma terapêutica alternativa”, afirmou à Agência Lusa Boaventura Sousa Santos, ao destacar que esta edição centralizada do Fórum Social Mundial (FSM) na Amazónia ocorre num momento de que não há memória na crise do capitalismo.

A actual conjuntura mostra que o FSM “tinha razão”, afirma o director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal, que apela a que as soluções que saiam do evento sejam conhecidas em todo o mundo.

Entre a prioridade “total” que deve ser dada às energias renováveis e à agricultura familiar e o “não” radical ao agrocombustível, o sociólogo português defende “a reinvenção do Estado” nos moldes de uma democracia participativa.

“Se o Estado vai ter um controlo maior sobre a democracia tem de haver uma democracia económica”, sugeriu.

O Fórum Económico, salienta, “ao contrário do que defendeu antes, hoje defende que o papel do Estado é muito importante”. O Estado deixou de ser um problema e agora é uma solução, argumenta. “Mas para nós tem de ser um Estado totalmente reinventado”.

Boaventura faz críticas à actuação do Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social do Brasil (BNDES), o segundo maior banco de investimentos do mundo, ao destacar que funciona numa lógica direccionada ao agronegócio e ao neoliberalismo.

O especialista propõe, assim, a criação de um conselho nacional de investimentos públicos que envolva a participação de cidadãos e movimen-



Arquivo-Luís Casaca

O **SOCIÓLOGO** de Coimbra apela a soluções destinadas a promoverem uma melhor democracia

## Promover “uma outra visão da natureza”

**BOAVENTURA** Sousa Santos defende ainda a adopção de sistemas económicos que se pautem nas concepções indígenas, o viver em harmonia com a natureza.

“É preciso uma outra visão da natureza como recurso humano e não como recurso natural”. Para o especialista, a questão indígena é central nas discussões sobre desenvolvimento, pois “interessam ao mundo”.

“A questão indígena e ambiental vão ser fundamentais como questões globais para um novo modelo, e é isso que o Fórum Económico se recusa a ver. Ele continua a pensar que os indígenas são atra-

tos, obstáculos ao desenvolvimento”, questiona.

Para o sociólogo, uma das grandes oposições ao Fórum Económico é que a solução deve estar voltada na forma de “viver bem dos quechuas e não na China. Se os chineses consumissem no mesmo padrão que os europeus e que a América do Norte, precisaríamos de três planetas para garantir a sustentabilidade de um único”.

E isto considera ser uma “solução suicida”, pois, segundo Boaventura Sousa Santos, todo o desenvolvimento continua a ser pensado na base do crescimento.

tos da sociedade no controlo social. “Isto é um exemplo de uma democracia económica que precisamos criar”.

Neste contexto de crise global, o especialista realça que a actuação de movimentos de trabalhadores rurais sem-terra como o MST e a reforma agrária voltam à agenda de discussões.

Segundo Boaventura Sousa Santos, “a única agricultura que mata a fome é a agricultura familiar”. O agronegócio e a grande monocultura, comenta, “não resolvem o problema, pelo contrário, produzem fome”.

Além disso, este modelo de agricultura familiar, sugere, é capaz de evitar o êxodo para as cidades que estão a se tornar “invisíveis, inabitáveis” e mantém também o equilíbrio ambiental que garante a soberania alimentar.

## TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO

### Leonardo Boff pela “política ecológica”

O **TEÓLOGO** brasileiro Leonardo Boff, presente no Fórum Social Mundial, em Belém, Brasil, defendeu a necessidade de “ecologizar a política” com o Eco-socialismo face à crise global e de governação, considerando que a crise será ainda pior.

“Nós queremos um socialismo matemático, por estatística. Ou repartimos os recursos escassos, ou vamos assistir à dizimação de milhões de pessoas. Aqueles que não vão aceitar morrer de fome, vão criar grandes convulsões políticas”, afirmou aos jornalistas.

Segundo Boff, a humanidade está “perplexa” com os efeitos da crise. “Não sabemos para onde vai a humanidade, sabemos que ela vai para uma grande crise que não chegou ao seu fundo ainda. Grandes crises virão como a da água, dos cartões de crédito e depois das universidades, principalmente nos Estados Unidos”.

Entretanto, a principal crise, considera o teólogo brasileiro, será a da sustentabilidade do planeta. “A humanidade consome mais do que a Terra produz, a Terra já entrou em processo de caos. Temos que evitar a fase destrutiva do caos, que pode significar a morte de milhares de pessoas”, alertou, destacando a necessidade de fazer com que o caos “não atinja dimensões de catástrofe”.

Boff está em Belém para participar no Fórum Mundial de Teologia e Libertação que decorre em paralelo ao Fórum Social e para o qual se inscreveram 80 mil pessoas de quatro mil organizações de 150 países de todo o mundo.